

Introdução ou “Encontrando o fio da meada...”

If the processes I have identified as work for understanding are to be fully exploited for maximum benefit, then it seems only logical to argue that learners, as well as other participants/ practitioners in the language education field, could benefit from developing their own understandings of what is involved in classroom language learning.

Allwright (1999)

Na interação, a palavra constrói um mundo; constrói saberes, conhecimentos e crenças; constrói quem somos; constrói relações. Na verdade, cada conversa, cada interação é tecida por inúmeros fios que configuram desenhos de múltiplos matizes, figuras cambiantes a cada momento.

É a palavra que me tem permitido e aos colegas professores com os quais coletivamente construímos uma comunidade de reflexão e de questionamentos (mais que de certezas). Em um momento em que encontramos na literatura em Lingüística Aplicada, dentre outros interesses, o foco de estudos sobre a formação inicial e em serviço do professor de línguas, bem como no papel da pesquisa em sua formação e prática (Miller, 1995; Moita Lopes, 1996; Almeida Filho, 2000; Gimenez et al., 2002; *inter alia*), meu trabalho é uma contribuição à área, pois partilho dos mesmos interesses por entender que qualquer encaminhamento desejado por nós, envolvidos em educação lingüística, deva começar pela formação do professor de línguas – materna ou não.

Essa preocupação e o interesse com a formação inicial e continuada do docente de língua inglesa tiveram origem há muito tempo, antes mesmo de tornar-me professora universitária e pesquisadora. Acredito mesmo que haja surgido quando tive que me deparar com turmas de quinta série em uma escola pública estadual. Revendo, através da pesquisa, tanto minha própria trajetória de formação docente quanto minha prática pedagógica (Moraes Bezerra, 2000), percebi o quanto a formação inicial não contemplara a construção de um referencial teórico-metodológico que me pudesse habilitar a trabalhar com um

pouco de segurança ao ensinar inglês para aquelas ‘turminhas’. Na verdade, mesmo no curso de idiomas onde iniciara minha prática pedagógica, ensinar inglês limitava-se a decorar procedimentos de ensino e a seguir o *lesson plan*, produzido por um departamento da instituição, item após item, para que o objetivo fosse alcançado – ou, pelo menos, era isso que nos queriam fazer crer nos treinamentos.

Assim, os insucessos observados durante o ensino de inglês eram resultantes da inabilidade do professor que não soubera utilizar o método audiolingual – neste momento, lembro a voz da dinamizadora que nos treinava. Naquela pesquisa (ibid.), percebi como tentava construir com meus alunos de uma turma graduação, para a qual eu ministrava a disciplina Prática de Ensino de Inglês, um conhecimento útil para suas incursões iniciais no magistério, mesmo quando o embate se instalava, sendo resgatado em minha análise através do discurso. Desde então, venho tentando entender a prática pedagógica, seja olhando meu próprio fazer (Moraes Bezerra, 2000; 2003a), seja refletindo sobre a prática pedagógica de colegas (Moraes Bezerra e Barçant, 2004).

Este percurso levou-me a uma outra questão, talvez uma lacuna na área: pesquisar o discurso profissional não em sala de aula desta vez. Ainda que permanecendo entre as quatro paredes do contexto institucional, a luz recairia sobre interações de professores discutindo sua prática docente em um grupo de estudos e de reflexão. Assim, como seria tentar entender a prática pedagógica através de um processo que envolvesse outros colegas? A discussão em grupo poderia ensejar a percepção de crenças e saberes sobre o que significa saber uma língua estrangeira e como entendemos o processo de ensiná-la. Além disso, ensinaria, através das práticas discursivas em que nos engajássemos, contribuir para a (re)construção daqueles entendimentos, crenças, de nossas identidades. Na verdade, poderíamos ir muito mais além, (re)construir relações, estreitar laços afetivos, construir uma comunidade de reflexão envolvida em um processo coletivo de tecer teorizações sobre nosso fazer cotidiano contextualmente localizado. Obviamente, considerando as ideologias das quais estão prenhes as palavras, no sentido bakhtiniano, não descartei o embate nesta empreitada. Porém, entendendo-o como processo gerador de novos entendimentos, de percepções sobre o outro e sobre mim mesma diante de várias questões surgidas no processo de reflexão, de construção identitária e mapeamento de redes de saber-poder.

Assim sendo, orientado pelos princípios da Prática Exploratória (Allwright, 2001a; Moraes Bezerra e Miller, 2006), nosso grupo tentou, inicialmente, entender a vida no contexto de sala de aula de forma a mapearmos a configuração da qualidade de vida vivida pelos colegas, profissionais do curso de idiomas, e por seus aprendizes. Além disso, o grupo tentou entender a sua prática conforme se construía, enquanto vinculada ao contexto institucional do CELE¹. As duas ações para o entendimento nos levaram a questionar: o que fazemos em sala de aula e as conseqüências de nossas decisões para a qualidade de vida por elas geradas naquele contexto; as relações interpessoais; as relações/ redes de poder dentro e fora da sala de aula; nosso processo de construção identitária. Por isso, o trabalho que ora apresento pretende contribuir para a compreensão do que vinha acontecendo na interlocução entre nós, professores e professora-consultora-pesquisadora, envolvidos no processo de reflexão e estudos sobre nossa prática de ensinar a língua inglesa: Quais seriam as crenças subjacentes ao nosso discurso? Como entendíamos o papel do professor e do aprendiz? Estaríamos nos constituindo em uma comunidade de prática, construindo identidade de grupo?

Além disso, nesta tese, também observo a construção de minha identidade e de minha prática de professora-consultora a partir da opção pela Prática Exploratória. Embora já tenha me envolvido em situações de educação continuada com outros colegas, essa será a primeira vez que observo, na trama da interação, minha própria ação discursiva. Acredito, inclusive, que esta possa ser uma contribuição para as áreas de estudos sobre interação reflexiva em contexto institucional e de pesquisa, uma vez que coloco sob o olhar analítico o meu fazer de consultora.

Considerando as questões a serem investigadas, o discurso é tomado em sua centralidade como elemento a ser analisado. Para tal, julgo ser necessário partir de um entendimento de que sentidos e identidades são negociados e construídos através do e no discurso, com o outro, em um processo que implica negociação de poder e embates por sua manutenção de forma aberta ou, mais freqüentemente, camuflada (Foucault [1979] 2002; Fairclough, 1992, 1996a). Conseqüentemente, adoto uma perspectiva de linguagem como forma de ação social e de ação discursiva no contexto social micro. Por isso, não poderei prescindir de

¹Nome fictício dado ao curso de idiomas onde nosso grupo se reunia.

construtos teóricos advindos de áreas que estudam a interação em contextos institucionais ou não². Para entender a interação em um contexto em que se discutem práticas pedagógicas há que se tomar uma perspectiva interdisciplinar. Inicialmente, aponto como cruciais para meu trabalho as contribuições de Bakhtin ([1929] 2002) em questões acerca da construção dialógica do sentido e Foucault ([1979] 2002) através da perspectiva social do discurso, do poder. Articulo estes construtos à contribuição de Fairclough (1992, 1996a, 1996b), traçando uma perspectiva de uso da linguagem enquanto ação social e das macro questões discursivas. Para o olhar à tessitura micro discursiva das interações articulo construtos utilizados na Sociolinguística Interacional propostos por Bateson ([1972]2002; Gumperz ([1992]1997); Goffman ([1967]1980); Tannen ([1989] 2000), dentre outros autores. Apresento também a proposta de Schifffrin ([1987]1996) para identificar e fazer sentido das argumentações co-construídas interacionalmente. Além disso, articulo as contribuições de Labov (1972), Bruner (1997), Bastos (2005) *inter alia* no que se refere a narrativas – elementos abundantes nas interações que construímos ao longo de nossos encontros.

Na verdade, estou tentando estabelecer uma interface entre tradições de estudos da linguagem que permitem focalizar a linguagem enquanto prática social, enquanto mediadora do fazer humano, para analisar as interações no nosso grupo de estudo e reflexão. Ao agir assim, visio aproveitar as contribuições que cada uma pode dar para o entendimento das questões que investigo visto que, na trama da interação, identifico trechos que guardam semelhança com a conversa informal e, imbricados e ela, momentos em que narrativizamos nossas experiências e ainda outros em que os participantes argumentam em favor de seus pontos de vista. Quero ainda assinalar que a perspectiva teórica da ACD trazida para este trabalho, em alguns momentos da análise de fragmentos das interações, refletirá sua contribuição através da abordagem à questão do poder, por exemplo. No entanto, a análise dos dados será concretizada através de construtos advindos da Sociolinguística Interacional. Isso significa que, embora Fairclough (2003) - analista do discurso crítico - proponha a Linguística Sistêmico-Funcional como a perspectiva de linguagem a ser adotada para que se efetuem análises de textos,

²Durante todo o texto apresento traduções dos originais feitas por mim. Informo também que proponho traduções aproximadas de determinados textos da língua inglesa, mantendo o original em inglês entre parênteses. Alguns termos em inglês que estão consolidados na literatura em língua portuguesa foram mantidos no idioma original.

opto por analisar a interação face-a-face através da Sociolingüística Interacional, por entender que as questões que aponto podem ser explicadas/ entendidas através de seus construtos.

Para o entendimento do que seja reflexão profissional, conto com a contribuição de Zeichner e Tabachnick (2001), Perrenoud ([2001] 2002), Telles (2004), Allwright (1991), *inter alia*. Considerando-se mais especificamente a construção de conhecimentos enquanto processo social, ancorado na história e mediatizado pelo discurso, certamente utilizo-me da contribuição de Vygotsky (1998). Sua teorização pode ajudar-me a compreender os princípios que subjazem a construção social de crenças sobre aprendizagem que levamos para a nossa reflexão. Para tal, articulo esta teorização ao entendimento de crenças trazido por Barcelos (2006).

Com relação à formatação do trabalho, optei por dividi-lo em partes. A primeira delas apresenta questões macro que permeiam toda a discussão da tese e que têm no discurso o elemento de interface entre elas. Inicialmente, no capítulo dois, apresento o discurso como elemento sempre presente nas questões humanas e, como tal, fio condutor desta tese que se ocupa do humano. No capítulo três, discuto o viés de pesquisa no qual se insere meu trabalho. Aponto como este e outros vieses se configuram em uma construção discursiva tecida através das lentes teóricas de cada pesquisador. Em seguida, apresento o caminho norteador da pesquisa. Tal decisão deveu-se ao fato de eu entender a Prática Exploratória como algo mais que uma metodologia para a pesquisa do discurso profissional. Trata-se de uma filosofia que se ocupa do ensinar, do refletir e que por isto pode fundamentar a prática pedagógica, a formação docente inicial e continuada, a reflexão profissional e a pesquisa. Ao tratar da PE, abordo não apenas suas origens – uma forma de ensinar e questionar a qualidade de vida em sala de aula – mas também um pouco de sua trajetória como possibilidade de pesquisa acadêmica. Discuto ainda um aspecto mais ou menos polêmico na PE: a questão da mudança, propondo uma ressignificação do termo apoiada em Allwright (2001b, 2002f). Além disso, comento o aspecto etnográfico presente nas investigações que tomam os princípios da PE como fio condutor.

Em seguida, no capítulo quatro, discuto em que perspectiva a reflexão docente se configura em minha tese. Apoiada em van Manen (1993), Zeichner e Tabachnick (2001), Perrenoud ([2001]2002), *inter alia*, apresento questões

relevantes para se pensar a reflexão docente, aponto algumas críticas e sinalizo os elementos de interesse para meu trabalho. Informo, no quadro da reflexão docente, como o construto ‘crença docente’ deve ser entendido em meu trabalho. Trato de crenças na interface do processo de sócio-construção de conhecimentos. Dessa forma, aponto para uma perspectiva que inclui o papel crucial do discurso neste processo. Finalmente, no capítulo cinco, discuto questões pertinentes ao processo de construção de identidades sociais e coletivas a partir de uma viés discursivo, relacional e situado. Sublinho ainda o caráter performativo das identidades múltiplas e fragmentadas que emergem nas práticas discursivas nas quais nos envolvemos cotidianamente.

Na segunda parte, há a apresentação e discussão de construtos que me servirão como ferramental para efetuar a análise micro discursiva das microcenas selecionadas. Assim, no capítulo seis, construo inicialmente uma discussão para localizar meu trabalho na área que estuda interação em contexto de trabalho, com suas características, funções e elementos a serem considerados para a análise. Foco também o momento em que a conversa entre profissionais torna-se conversa reflexiva e, como tal, pode colaborar para a compreensão de questões cruciais pertinentes à prática docente. Em seguida, no capítulo sete, apresento construtos que, ao serem articulados, contribuem para a análise das interações, em especial dos momentos em que os interlocutores argumentam em favor de determinados pontos de vista. Da mesma forma, no capítulo oito, faço uma apresentação de teorizações vindas de estudos das narrativas em algumas tradições. Eles serão acionados para que eu possa analisar as narrativas conversacionais, sem, contudo, ocupar-me com a identificação sistemática da estrutura de cada uma, voltando-me mais para a função das narrativas na interação.

A terceira parte desta tese contém o que acredito ser sua maior contribuição para a área em que se insere. No capítulo nove, narro o processo de implementação da pesquisa através dos princípios da Prática Exploratória. Exponho minhas dúvidas, decisões e aprendizado ao tecer a reflexão e a pesquisa. O décimo capítulo é dedicado à apresentação do CELE e dos colegas que comigo participaram desta tessitura de entendimentos. Finalmente, o capítulo onze, é dedicado à análise de microcenas que se constituem em desenhos diversos, recortados de vários momentos da trama interacional. Elas ajudam-me a pensar

no processo reflexivo, nas diversas instâncias de construção de entendimentos, de crenças e de identidades.

Quanto ao título – que toma a metáfora do tecer, dos fios – é uma proposta para representar:

[a] a tentativa de entender a manipulação individual e coletiva dos fios na interação entre nós, dando forma a variados ‘desenhos de diversos matizes’ em relação à negociação de significados, à construção das narrativas, aos processos de construção identitária, etc. Seguindo os pontos discursivos que dão forma àqueles desenhos, elaboro possíveis entendimentos (também reflexivos) às questões ou *puzzles* que proponho para orientar meu olhar de pesquisadora-praticante durante as análises que faço das microcenas;

[b] a necessidade de apoiar-me em diversas linhas (instâncias) teóricas a fim de construir o pano de fundo sobre o qual tecer as análises daquele outro tecido constituído de fragmentos das interações do grupo;

[c] o fato de que, para produzir a tese, foi preciso fazer escolhas e recortes quanto: à base teórica, às microcenas a utilizar, à organização dos capítulos e do trabalho como um todo. A partir da seleção destes fios, pus-me a tecer, ponto-a-ponto, o trabalho final.

Ressalto ainda que vejo esta tese como uma metáfora de duas categorias de análise que utilizarei: argumentação e narrativa inseridas nas conversas profissionais. Vejo a argumentação presente na medida em que a tessitura deste trabalho demandou de minha parte um esforço interacional no sentido de articular os elementos teóricos que me permitissem tecer argumentações, justificando o entrelaçamento dos vieses teóricos. Por outro lado, as narrativas se fazem presentes quando volto o foco do esforço interacional para apresentar-me na introdução, para apresentar o grupo de professores, nosso contexto e nossas ações discursivas manifestadas nas conversas profissionais – alvo de posterior análise – no capítulo dez.

Ao terminar a introdução desta tese, tenho duas certezas. A primeira delas refere-se ao fato de que, apesar do esforço desta tecelã (pesquisadora, consultora e professora), há lacunas a serem preenchidas por outras pesquisas, afinal, o conhecimento é dinâmico e permite que outros desenhos sejam tecidos. A segunda, por outro lado, remete ao fato de o trabalho final deixar de lado outras questões relevantes, mas sobre as quais decidi não me debruçar por motivos

vários. Tais escolhas refletem minha formação, minhas crenças profissionais, minha vontade de contribuir para a área de pesquisa à qual me afilio. No entanto, o produto de minha pesquisa revela um pouco da forma como nós – meus colegas e eu – envolvidos no processo de sócio-construção discursiva de nossos entendimentos, vivíamos a cada encontro nossas contradições, nossas alegrias, nossas angústias e dúvidas, nossa criatividade, nossas crenças e muito mais a partir de nossa prática exploratória de reflexão.